A construção de uma cosmovisão através da leitura do livro em braille[1]

Diana Gutiérrez DE LA TORRE[2]
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Partindo do conceito de deficiência, iremos revelar a fundamental relação entre a percepção e o pensamento e os mecanismos pelos quais uma pessoa com deficiência visual "constrói o seu mundo", ou seja, estabelece sua cosmovisão. Apresentamos o livro em braille como um objeto de comunição, além de algumas outras de suas características. Também traçaremos um perfil do leitor com deficiência visual e como a leitura impacta sua vida de maneira positiva: alimentando seu repertorio cultural, ajudando-o a refletir suas necessidades, ideias e experiências. Potencializando assim, as suas relações interpessoais, favorecendo a autonomia, a independência e a inclusão social.

PALAVRAS-CHAVE: braille; deficiência visual; livro; leitura; pensamento.

Deficiência Visual

O homem sempre sentiu uma necessidade de se comunicar entre seus semelhantes, assim surge a linguagem, um código compartilhado que permitiu a agregação de membros ao grupo até estabelecer sociedades inteiras. O homem fala, mas é a mania de nomear o mundo, que o leva a construção o laço social, a língua. Desde então por meio das palavras que o mundo nos é apresentado. O homem vê as diferenças partindo de si mesmo, nasce assim a concepção da alteridade, a existência do *eu* em relação ao contato com o *outro*. O olhar discriminador lhe permite distinguir as diferenças, assim que ao longo da historia tem se colocado os grupos "diferentes" (louco, doente, pessoa com deficiência) as margens da sociedade, porque não coincidem com o protótipo social aceito; criam, portanto estranhamento e falta de reconhecimento. Segundo Foucault (2004) o "normal" se estabelece desde o século XVIII, como meio de classificar e hierarquizar, criando uma relação de poder, sustentando homogeneidades e determinando os "desviantes" ou "anormais". Segundo Sassaki (2007), a sociedade frente às pessoas com deficiência tem evoluído historicamente nas seguintes etapas: exclusão, segregação, integração e inclusão. Atualmente estamos entre a etapa da *integração*, a qual cria homogeneidade (massa), um

[1] Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação da ECA-USP, bolsista com Pesquisa em andamento financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), email: dianaguacamaya@gmail.com

modelo padrão a seguir (normalidade), onde todos são iguais, formando parte de um todo; e a *inclusão* que vai da mão da diversidade, onde toda pessoa é considerada como individuo.

No ano de 2006 a Organização das Nações Unidas (ONU)[3] estabeleceu como termo oficial "*pessoa com deficiência*" que é aquela pessoa que tem impedimentos de longo prazo de natureza: física, mental, intelectual ou sensorial.

Ao se falar de deficiência visual, se fala de limitações significativas do sistema visual, seja em qualquer uma das suas partes: olhos, nervo óptico e cérebro; uma vez ocasionada, esta limita em muitos casos a plena realização de algumas atividades do tipo visual como a leitura, a escritura, a orientação e a mobilidade, que podem deteriorar substancialmente as relações culturais, sociais, laborais e de ócio da pessoa. Bueno et al. (1999).

Há duas grandes classificações das pessoas com deficiência visual: a primeira é a ***baixa visão***, que compreende às pessoas com baixa visão moderada e baixa visão grave. Esta se caracteriza pela capacidade, pelo menos, de perceber massas, cores e formas. A segunda é a ***cegueira***, que compreende as pessoas com baixa visão profunda e cegueira. Caracterizada pela ausência total de visão ou a simples percepção de luz.

A origem etimológica da palavra ***cegueira*** em português, *ceguera* em espanhol, *cécité* em francês; vem do latim ***caecatio*** cujo significado é relacionado: à obsessão, perturbação e ignorância, assim como também de termos relacionados a aquilo que é escuro, tenebroso, misterioso, encoberto e inescrutável. Esta origem se relaciona com a definição de *cegueira* do dicionário da língua portuguesa[4]:

> "Cegueira:[De cego+-eira] S.F.l. 1.*Oftal*. cego (**1**); tiflose. **2.** Estado de quem tem a razão obscurecida ou discernimento ou raciocínio perturbado**. 3.** *Fig.* Afeição extrema, exagerada, a alguém ou a alguma coisa. **4.** Falta de lucidez, ou de inteligência, de bom senso,etc. [...]."

A primeira definição é a palavra *tiflosis* (τύφλωσης) que significa *cegueira* em grego, faz referencia literal à cegueira física, partindo da privação do sentido da visão. A origem etimológica da palavra ***cego*** em português, *ciego* em espanhol, *cec* em catalão, *cieco* em italiano; vem do latim ***cæcus***, cujo significado é relacionado a: cego, invisível, incerto, duvidoso, sem saída. Cego em francês é *aveugle*, que vem do francês antigo: *avogle*, e do latim: *ab oculis*, que quer dizer: *sem olhos*, fazendo referencia literal à cegueira física, de corpos com dois olhos onde ambos carecem do sentido da visão. O francês se distingue

[3] Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ONU – Art. 1. Resolução A/61/106. 13/12/06
[4] Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, Aurelio Buarque de Holanda, 4ta edição, Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Curtiva: Ed. Positivo; 2009.

então, por ter duas raízes: cegueira (*cécité*) com uma conotação sobre o pensamento e a razão; e cego (aveugle), com uma conotação de cegueira física.

Pensamento, percepção e memória.

Segundo a origem etimológica e às definições que os dicionários apresentam os termos *cegueira* e *cego* são relacionados à ignorância, incerteza, razão escurecida ou perturbada, falta de lucidez e de inteligência. Estas afirmações parecem absurdas, mas friamente, é verdade que muitas vezes damos ao sentido da visão o patamar do mais inteligente dos cinco sentidos. A visão é uma das formas de percepção humana,tem um papel fundamental no processo de conhecer o mundo e nos comunicar com o *outro*; para alguns autores, Bueno et al. (1999) representa 95% da informação sensorial que nosso cérebro recebe, sendo considerada global por abarcar o *todo* de uma maneira rápida.

Mas até que ponto o pensamento é visual? Segundo Arnheim (1973) a mente recolhe informações do mundo e depois as processa; a realidade é construída com a colaboração da percepção e do pensamento. Define por "cognoscitivo" a todas aquelas operações mentais implicadas na recepção, armazenamento e processamento de informação: percepção sensorial, memória, pensamento, aprendizagem. Poderíamos dizer então que sem o caudal sensorial, a mente não poderia pensar. O pensamento cria conceitos, acumula conhecimentos, relaciona, separa e infere nas funções cognoscitivas da mente.

A percepção visual é pensamento visual, e a percepção tátil seria também pensamento tátil. Estas percepções vão além do que os sentidos recebem do meio exterior, estes são parte dos próprios processos cognoscitivos. A percepção inclui tanto as representações mentais quanto experiências sensoriais diretas.

A pessoa com deficiência visual substitui o que a visão não está brindando por outros canais sensoriais compensatórios que irão preencher aqueles vazios de informação. Todas estas impressões do mundo vão se formando, arquivando e se conectando entre si, tenham ou não componentes visuais. Partindo de ideias simples até formar ideias complexas.

Questionamos-nos então se quando uma pessoa fica cega, as imagens mentais da memória continuam tendo a mesma função? Estão condenadas a ficar presas como imagens internas as quais a pessoa vai continuar contemplando-as com os olhos fechados?

Cada ato perceptível seja visual, auditivo, tátil, não se apresenta nunca isolado; é a fase mais recente de uma corrente de inumeráveis atos similares, que aconteceram no passado e sobrevivem na memória. As experiências do presente serão armazenadas na memória junto ao produto do passado, pré-condicionando assim os atos perceptuais do

futuro; as experiências semelhantes entre si entrarão em contato e se fortalecerão, se debilitarão e poderão ser substituídos. Arnheim (1973).

A memória tem um rol determinante na percepção, pois o *estranho* é reconhecido automaticamente. Para uma pessoa que nunca enxergou, a memória está formada de percepções tácteis, sonoras, olfativas, gustativas; mas para uma pessoa que enxergou e tem bagagem perceptiva visual do passado, esta passará por um processo constante de adaptação, pois tenderá a comparar a lembrança do que alguma vez foi visto, com a nova percepção táctil ou sonora, até que estas se encaixem com a imagem da memória, tornando-se de novo familiares, como um reflexo do conhecido.

Para entender este fenômeno Hull (2004) na passagem "Rostos" do seu diário conta como foram esses primeiros anos de sua cegueira, faz uma curiosa classificação das pessoas que conhece colocando-as em dois grupos: as que têm rosto e as que não têm rosto. Compara sua memória com o *National Portrait Gallery*, onde há salas com longas fileiras de retratos e salas vazias, obviamente, as pessoas que conheceu antes de perder a visão, têm rosto, e às que conheceu desde então, não o têm. Confessa se sentir perturbado e que com o passar do tempo aumenta a proporção de pessoas sem rosto, os retratos que permanecem estão cobertos por pó. A imagem das pessoas com quem mantém contato está se apagando, ele explica que é porque os pensamentos e as representações mentais sobre estas pessoas estão cheios de novos acontecimentos, e estes realocam parcialmente o retrato, que é cada vez menos importante. Já as pessoas com as quais têm perdido o contato nos últimos anos não tem "algo" que tome o lugar do seu rosto.

Com o passar do tempo a bagagem visual vai se apagando, ficando oculta sob camadas de novas significações sensoriais, rostos e objetos sem imagem, uma nova forma de pensamento, que para os videntes[5], é praticamente incompreensível. Palavras e conceitos começam a ficar confusos, abstratos demais, intangíveis. Jonh M. Hull na passagem "Como eu me vejo?" conta como a palavra *aparência* e a própria *aparência das pessoas* carece de sentido agora que é cego.

> "cada vez me parece ser mais difícil me dar conta de que as pessoas se parecem a algo, para lhe dar algum sentido à ideia de que tem uma aparência. Nas ultimas semanas tenho praticando o pensamento de que as pessoas tem uma aparência. [...], algo que significa pouco ou nada para mim e ao qual não tenho acesso, embora assim há algo que é verdadeiro para esta pessoa e para ninguém mais. Esta pessoa tem um aspecto de

[5] Neste artigo designamos o termo ***vidente*** para nos referir a aquela "pessoa que enxerga bem" fisiológica, psicológica, intelectual e ambientalmente; com a capacidade para interpretar e entender a informação dos estímulos luminosos do exterior.

> algo. Ele ou ela tem o que eles chamam algum tipo de "aparência"". (HULL, 2004, tradução nossa).

Como foi mencionado anteriormente, se perde a lembrança visual daquilo com o que se tem mais contato, e acaso, não é a própria pessoa com que cada um de nós mantém mais contato? Jonh M. Hull confessa ter perdido o próprio rosto, não adianta lembrar fotografias velhas, se pergunta se ele devera também formar parte da sala da galeria dos "sem rosto". Perder o rosto é também em parte a perda da identidade pessoal?

Arnheim (1973) descreve que para que exista o reconhecimento, neste caso o autorreconhecimento, se deve pressupor a presença de algo reconhecível. A percepção do familiar se relaciona de maneira inseparável às imagens normativas que a pessoa conserva na sua mente. Entre a percepção e a memória se produz o reconhecimento, o conhecimento adquirido no passado não só contribui a detectar a natureza mesma do objeto, senão que também lhe designará e atribuirá um lugar no sistema de classificações das coisas que constituem nossa visão do mundo.

Construção do mundo através da leitura

As representações mentais de uma pessoa com cegueira ou deficiência visual severa não são iguais às de uma pessoa vidente; segundo Albertí e Romero (2010) esta diferença pode criar dificuldades de entendimento entre as duas partes. A riqueza léxica da pessoa com deficiência visual pode tornar-se afetada pela ausência de visão, o *verbalismo*, é um fenômeno no qual as pessoas com deficiência visual mostram domínio sobre as palavras, mas estas são palavras *vazias* porque carecem de sentido e muitas vezes não são entendidas por falta da experiência visual prévia. Muitos dos conceitos que poderiam confundir por "visuais" não são meramente de conotação visual, por exemplo, o conceito de "rio" é abordado pelos seguintes autores de tal forma:

Arnheim (1973) esclarece que o *abstrato* não é contrario ao *concreto*. O rio é um conceito concreto por ser tanto um objeto material percebido, como um objeto lembrado e concebido. O rio só se tornaria abstrato no momento em que este funcionasse como representação para alguma outra coisa. Albertí e Romero (2010) exemplificam que, na palavra *rio*, um aluno vidente entenderia o conceito olhando para uma fotografia, já o aluno cego precisaria ficar perto dele para que por meio dos outros sentidos elaborasse sua representação mental dele. Alguém poderia descrever com palavras o que o um rio é, mas sem embargo saber descrever não é conhecer o objeto, mas sim representá-lo. Nowill (1996) na sua juventude foi professora cega de crianças cegas, e conta que para ensinar o

conceito de *rio* e *ponte*, ela fez os meninos fazerem uma fila, e passar por embaixo de uma mesa. "o professor cego precisa ter muita capacidade imaginativa para criar soluções de coisas que ele nunca aprendeu". Com esse simples exercício a Dorina Nowill conseguiu adaptar o conceito de "rio" numa experiência vívida de fácil entendimento para um cego.

Para Arnheim (1973) a memória através da imaginação pode combinar traços de material conservado ou de pensamento tátil e recriar "traços de realidade", sem importar que não sejam reflexos do mundo físico. "Qualquer destas experiências pode ser precisa ou imprecisa, clara ou vaga, mas todas são invariavelmente concretas".

É possível então, pensar com palavras? Se o tato toma o lugar da visão para o invisível, a palavra toma o lugar do intangível? Arnheim (1973) planteia que a linguagem verbal constitui um conjunto de formas perceptuais, e afirma que a linguagem é um veículo do pensamento muito mais adequado que as formas e os sons. A língua ajuda a pensar, mas afirma que não é indispensável para o pensamento. O que faz as palavras úteis, não pode ser então o pensar em palavras, senão como que estas auxiliam ao pensamento.

> "As palavras procuram por certos rótulos estáveis que comprometem a experiência sensorial ao reconhecimento de certos tipos de fenômenos. Mas a linguagem faz mais ainda. [...] as palavras pelas quais se dão nome as coisas são categorias. Tais nomes, portanto, indicam em certa medida o nível de abstração a que se percebe e se deve perceber um objeto. Se o nível de abstração fica rotulado pelas palavras, o pensamento do falante o mantém com maior firmeza." (ARNHEIM, 1973).

A palavra oral ganha um papel fundamental ao transformar a estranheza no reconhecível, falar de oralidade é falar de dois, *um para um*, se fala para ser escutado. A língua oral ou escrita, além de ser um instrumento de comunicação é também o substituto das informações visuais. Consequentemente a pessoa com deficiência visual já recria as impressões do mundo sobre a percepção de alguém mais, um modelo construído a uma realidade suposta. Se bem, que a realidade é determinada pelo socialmente aceito como realidade, devemos considerar então que a palavra oral e a palavra escrita são os meios pelos quais as representações sociais re-criam a realidade, concedendo uma realidade física a ideias, a imagens e a sistemas de classificação. Bosi (2012): "As convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva".

"Toda realidade é a realidade de alguém, ou é uma realidade para algo [...]". Moscovici (2003). O cego crê nos relatos do *outro* porque pode comprovar com o som a presença ou ausência daquilo que lhe foi descrito; as imagens do mundo se constroem através da palavra. Pinkas (2004), cego, "nunca senti a ausência das imagens; não era a luz

o que eu procurava na escuridão, senão as referencias que me permitiram olhar as imagens de outra maneira“. Vidales (2004), cego, afirma que por meio da palavra do outro é possível dar-se conta da presença das coisas, já que como ele diz: “a relação com a palavra do outro me permitia construir uma imagem em outra dimensão, outra forma de ver”.

A experiência estética, da mão da oralidade e a leitura, alimentam o repertório informativo e cultural (representações sociais) das pessoas com deficiência visual. Os sons e as palavras tornam visível o invisível. O vocabulário e o corpo gramatical de uma língua criam a cosmovisão do povo que a utiliza Arnheim (1973). A palavra escrita por meio da leitura permite navegar pelo mundo e pelos mundos do imaginário. A leitura apresenta o conhecimento constante, a palavra escrita vem carregada de imagens e significações, apresenta o mundo que a pessoa com deficiência visual não consegue experimentar em sua totalidade por meio da audição e do tato.

O livro em braille

O livro é indubitavelmente uma das maiores invenções do homem, ideal para a transmissão de ideias, este bem tão valioso tem sofrido através dos séculos diversas transformações. Hoje em dia, por exemplo, existem diversos tipos de livros acessíveis para pessoas com deficiência visual: livro em braille, livro em tinta e braille, livro de fonte ampliada, livro em áudio e livro Daisy.

Antes de definir o *livro em braille*, é importante saber que o livro comum de leitura visual é chamado de *livro em tinta*.

O livro em Braille não é apenas a ferramenta de aprendizagem, como também, um meio importante de comunicação e de acesso à informação, possibilitando seu desenvolvimento pessoal e criando condições de autonomia, independência e inclusão social da pessoa com deficiência visual.

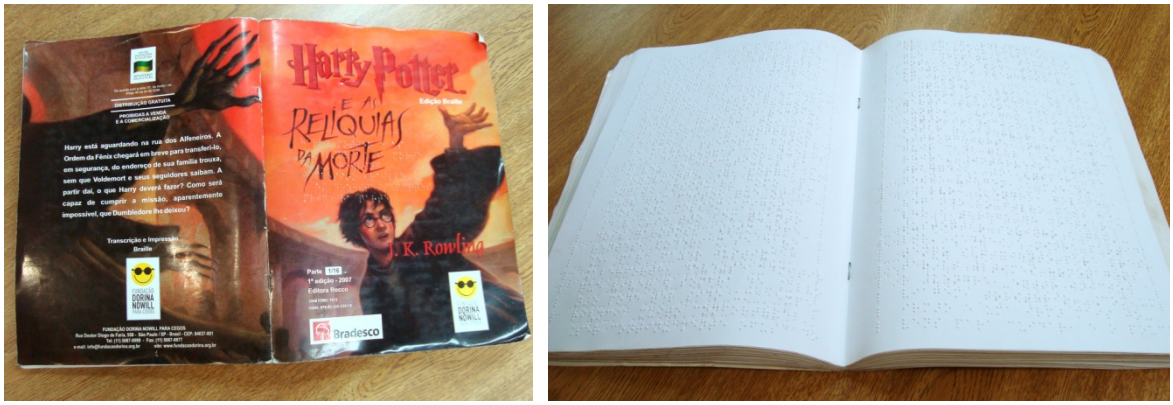

Figura 1 - Livro em braille, a) capa e contra capa; b) parte textual.
Fonte: Fotografia do autor.

O formato atual do livro em braille tem uma semelhança direta com o livro em tinta, pois a maioria da produção em braille é a transcrição e adaptação direta do livro em tinta, dessa forma mantém a maioria dos elementos da estrutura fundamental (pré-textual, textual, pós-textual) estudada por Araújo (2008), mesmo que o método de leitura seja completamente diferente.

O formato do livro em braille, como no livro em tinta, é conformado por folhas dobradas, determinando assim o formato do livro e a sucessão dos cadernos. A letra do sistema braille (célula braille) é maior que a letra em tinta, uma folha em tinta equivale a três em braille, o que divide o livro em braille em vários volumes consecutivos, tornando-o volumoso, além disso, por ter uma folha de maior densidade, 120g., se torna muito pesado. Consideramos que uma das vantagens da produção do livro em braille, (seja impresso mecanicamente ou feito manualmente), é que permite que a célula braille mantenha sempre as mesmas características: tamanho, formato e altura do relevo.

O livro em braille, é um livro com pontos pequenos em relevo que se pressionados podem apagar as palavras tornando-os ilegíveis. Ironicamente o livro em braille está feito de papel de excelente qualidade, mas essas características antes mencionadas o dotam uma caráter descartável, dificultando sua manipulação e traslado. Numa biblioteca, os livros devem ser guardados verticalmente (nunca um sobre o outro) para dessa forma preservar o relevo dos pontos e as ilustrações. O livro em braille é diferenciado, além do caráter perceptivo tátil, pelo processo de produção com rígidas especificidades e alto custo, que produz exemplares de formatos muito homogêneos uns dos outros.

O livro em braille é um direito das pessoas com deficiência visual e não possui um caráter comercial, limitando a sua produção e por consequência a variedade bibliográfica. Cada livro produzido está destinado a ser lido, não meramente ser folheado, consultado e usado como instrumento; este livro como Marias (1988) descreve, “o livro assim entendido supõe algo no qual se entra, onde se permanece certo tempo, onde, vale a expressão: se habita ou reside”.

Leitor do livro em braille

Os leitores do livro em braille se dividem de maneira geral em grupos muito determinados mas não homogêneos. Caracterizam-se por ter um deterioramento visual profundo ou total em ambos os olhos que o impossibilitam realizar a leitura em livros em tinta, mas não a ter um forte desejo de conhecimento e enriquecimento cultural.

Num grupo estão as pessoas com *cegueira congênita* que foram alfabetizadas em braille, especialmente crianças, hábeis na leitura pela natureza mesma do aprendizado. Em outro grupo estão àquelas pessoas com *cegueira adquirida*, geralmente são pessoas adultas que ficaram cegos ou com a visão gravemente comprometida e tiveram que passar o aprendizado de leitura visual em tinta para a leitura tátil, são eles que apresentam maiores dificuldades para dominar o braille. O ultimo grupo é formado por pessoas com *surdocegueira*, seja congênita ou adquirida, por ser uma deficiência que apresenta a perda da audição e da visão, este grupo não consegue acessar os áudiolivros.

Pessoas com baixa visão grave muitas vezes não tem resíduos visuais utilizáveis para a leitoescritura em tinta (mesmo que possa ler títulos grandes ou utilize algum instrumento especifico como a lupa ou dispositivos de ampliação de imagem) esta pessoa terá então em muitas ocasiões que recorrer ao sistema braille.

Partindo do leitor, o livro em braille é também símbolo de cegueira, sobretudo quando uma pessoa fica cega gradualmente, pois a perda da visão vem acompanhada de sentimentos de desorientação, necessidade de confirmar o diagnostico, a negação total ou parcial da cegueira, o que provoca uma resistência ao aprendizado do braille pois este representa o "não há volta atrás" da perda da visão.

Leitura em braille

A leitura como ato de ler, pode apresentar muitas definições; poderíamos pensar que a leitura consiste em estabelecer relações entre os signos gráficos e as ideias ou objetos que representam, mas esta definição é restrita, pois por se tratar de signos gráficos estaríamos deixando por fora a leitura em braille que tem signos táteis. Uma definição mais acertada, segundo Araújo (2008), o ato de ler significa, "aprender unidades elementares constituídas por palavras ou grupos de palavras combinadas em sequência para formar significados".

Por meio da leitura o leitor pode reconstruir o lido a partir do conhecimento e experiência do mundo, combate a marginalização, enriquece sua linguagem, o coloca em contato com outras pessoas, tempos e lugares. Uma leitura leva a outras leituras, formando uma rede de textos e sentidos construídos, enfim, sempre haverá um rastro da nossa própria historia pessoal na nossa leitura.

Segundo o estudo "Retratos da Leitura no Brasil" de 2011, a média de leitura anual do brasileiro é de 4,0 livros por habitante e, segundo o "Relatório anual de 2010 da Fundação Dorina Nowill para Cegos", a média de leitura dos usuários no acervo Braille é de 8,0 livros por ano. Isto quer dizer que o leitor em braille é um leitor em potencial, perder a visão não

significa perder a capacidade de continuar aprendendo. A pessoa com deficiência visual encontra na leitura um cantinho de conforto, que o ajuda a sobrelevar o isolamento, refletir suas necessidades, aspirações, interesses, desejos de conhecimento e trabalho.

Poderia se pensar que a leitura é um meio de evasão à realidade, mas é o meio onde se encontram muitas das respostas que não se apresentam no cotidiano. A leitura é uma declaração de resistência, por meio dela se convertem em protagonistas, regressam à época da infância, lembram, reconstroem, repensam tempos e experiências do passado.

Alguns aspectos positivos da leitura nas pessoas com deficiência visual segundo Haza (2001) são: possibilita a apropriação do patrimônio cultural da humanidade, objetiva as ideias e experiências, favorece a autonomia e independência, facilita a inclusão social, potencializa as relações interpessoais, treina a concentração, a memória e a imaginação.

O livro em tinta é lido com uma serie de movimentos oculares sobre o texto impresso, e essa informação é interpretada no cérebro. O livro em braille é lido com as mãos, por meio do tato, segundo Abreu et al. (2008) a leitura braille é no começo uma tarefa lenta que requer grande concentração; existem varias técnicas de leitura mas a mais rápida é quando os dedos indicadores realizam movimentos independentes ao longo da linha. A primeira metade da linha com os dedos juntos, depois o indicador da mão direita continua até o final da linha e o indicador da mão esquerda vai para o começo da linha seguinte.

Figura 2 - Leitura em braille, da esquerda para a direita.
Fonte: autor.

Venturini (1975) registra que leitores em braille hábeis são capazes de ler 125 palavras por minuto com uma só mão e os que leem com as duas mãos, conseguem até 250 palavras por minuto. Para ter uma noção desses dados, Araújo (2008) registra respeito à leitura em tinta que um leitor lento assimila cerca de 333 palavras por minuto e um leitor veloz consegue até 466 palavras por minuto.

Os autores, Abreu et al. (2008), Alberti e Romero (2010), acreditam que a leitura em braille se da de maneira analítica, isto é, letra a letra e não por meio de palavras completas (contraria à leitura em tinta que é global). Existem algumas letras fáceis de confundir (d-f, h-j, e-i), assim que é recomendável não ensinar estas letras de maneira continua.

Figura 3 - Letras com dificuldade de leitura em braille.
Fonte: autor.

No documento da UNESCO, Mackenzie (1954) defende que é uma equivocação supor que a leitura tátil seja estritamente um sistema analítico, e que uma pessoa cega conte os pontos enquanto lê.

> O aluno cego deixava muito rápido de se interessar pela composição dos signos, associando-os rapidamente a uma forma, percebida pelo dedo, a um som, nem mais nem menos que o menino vidente associa analogamente o som a uma forma visual. O aprendizado dos signos não é um processo difícil nem largo, e, uma vez realizado, o leitor considera os signos do braille unicamente desde o ponto da facilidade ou da dificuldade que sua leitura apresenta. Se lhe é perguntado de quantos pontos se compõe uma letra determinada, ou qual é a posição na disposição original, duvidará evidentemente, e terá que fazer um esforço mental antes de responder. (MACKENZIE, Sir Clutha. 1954; tradução nossa)

Segundo Chartier (2009) as posturas da leitura são determinadas também pelo formato e materialidade do livro, cada "encarnação" do texto numa materialidade especifica carrega diferentes interpretações, compreensões e usos, um livro comum não se lê do mesmo jeito que se lê um livro de bolso que é de um tamanho menor e cabe nas mãos.

> "A história das práticas da leitura, a partir do século XVIII que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama, enquanto, ao menos na iconografia conhecida. [...] O leitor e a leitora do século XVIII permite-se comportamentos mais variados e mais livres [...]." (CHARTIER, 2009, p.78).

Percebemos que ao descrever algumas características físicas do livro em braille como: ser um livro em grande formato, de muito peso, frágil, escasso número de exemplares, este se aproxima à descrição do formato do códice.

A materialidade do livro em braille impõe certas posturas da leitura, a qual não poderá ser feita da maneira convencional, caracterizada por ser feita com a cabeça levantada e colocar o livro sobre uma superfície plana, com os dois braços simétricos ao papel, e as mãos estendidas e relaxadas, tocando levemente o livro com a ponta dos dedos, evitando o excesso de pressão que possa apagá-los. A leitura do livro em braille também se assemelha a leitura do rolo, Chartier (1994) explica:

> "um rolo dever ser segurado com as duas mãos: daí, como o mostram afrescos e baixos-relevos, a impossibilidade para o leitor de

> escrever e ler ao mesmo tempo, e por consequência, a importância do ditado em voz alta".

Dificulta-se a leitura de pé, de bruços, no ponto de ônibus, nos próprios meios de transporte, salas de espera, mas, ao mesmo tempo, essa materialidade de caráter perceptível tátil, facilita a leitura em ambientes escuros como, por exemplo, ler embaixo da coberta.

Os leitores de livros em braille enfrentam uma grande dificuldade de acesso à leitura, não só pela falta de livros adaptados e transcritos ao sistema, senão que o aprendizado é ainda reduzido e para muitos totalmente desconhecido. Portanto, a comunidade leitora em braille é fortemente ligada à oralidade, muitas vezes analfabeta e marginalizada.

Ainda não existe um levantamento oficial que informe quantas pessoas com deficiência visual utilizem o braille, segundo a União Mundial de Cegos (2004) se calcula que apenas 10% das pessoas com deficiência visual no mundo são alfabetizadas em braille e Queiroz (2011) afirma que quase 100% dos cegos recebidos pela primeira vez na Fundação Dorina Nowill eram analfabetos.

No caso de uma criança com cegueira congênita o processo de alfabetização requer um esforço motivacional, pois neste mundo inundado de estímulos visuais é possível que ao lhe apresentar a linguagem escrita por meio de letras, sílabas e frases, estas careçam de sentido e função. Esta criança não está habituada a receber estímulos prévios à leitura, e quando aprende a ler não têm acesso às leituras informais ou ilegítimas, essas "leituras selvagens", como as chama Chartier (2009) que são os cartazes na rua, os letreiros das lojas, as manchetes do jornal, leituras não oficiais, enfim, aquelas leituras diferentes daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima.

É imprescindível a produção de livros em braille, assim como a distribuição dos mesmos, importa o número de exemplares produzidos mas se deve dar prioridade a variedade dos títulos para que dessa forma a sociedade leitora em braille tenha acesso à cultura letrada. No caso de uma pessoa que ficou cega na idade adulta, muito provavelmente foi alfabetizada em tinta, e lamentavelmente ao adquirir a cegueira se torna analfabeta funcional em braille, pois não poderá utilizar suas capacidades de leitura e de escrita anteriores e terá que passar por um novo processo de alfabetização. Cabe observar dois fatores desmotivadores, primeiro é o fato de que por ser uma pessoa de idade adulta, ela não tem acesso à rede de educação publica e terá que se adequar a restritos calendários de alfabetização para adultos nas diferentes instituições, e o segundo, que a leitura requer eficiência tátil, que em muitas ocasiões se encontra comprometida por causa de doenças como a diabetes e problemas circulatórios.

Estes leitores com deficiência visual muitas vezes são altamente letrados, como foi o caso do escritor argentino Jorge Luis Borges, que perdeu a visão em 1955 aos 56 anos. Na conferencia intitulada "*Ceguera*" em 1977, disse ao público: "*Para os propósitos de esta conferencia debo buscar un momento patético. Digamos, aquel en que supe que ya había perdido mi vista, mi vista de lector y de escritor*". Foi nesse mesmo ano que foi honrado com o cargo de diretor da Biblioteca Nacional da Republica Argentina ao que exclamou o seguinte:

> "Pouco a pouco fui compreendendo a estranha ironia dos fatos. Eu sempre havia imaginado o paraíso como uma espécie de biblioteca. Outras pessoas pensam num jardim, outras podem pensar num palácio. Aí estava eu. Era, de algum modo, o centro de novecentos mil volumes em diversas línguas. Comprovei que apenas podia decifrar as capas e as lombadas. [...] Estes dois dons que se contradizem: os muitos livros e a noite, a incapacidade de lê-los". (BORGES, 2004 p.165, tradução nossa).

Assim que, podemos dizer que se o leitor com deficiência visual não tem acesso à leitura selvagem, também isto não significa que este leitor apenas tem acesso à leitura da cultura dita letrada.

O que esta pessoa com deficiência visual lê? Quais são as escolhas que ela faz? A falta de livros transcritos e adaptados ao sistema braille limita suas escolhas. É então preciso analisar a escolha editorial e os métodos de produção dos livros em braille das instituições responsáveis, pois estas escolhas determinam as futuras leituras da pessoa com deficiência visual. Leituras que o ajudam muitas vezes a sobrelevar o isolamento, construir e reconstruir a sua identidade pessoal pois por meio dela regressam à época da infância, lembram, reconstroem, repensam tempos e experiências do passado. Leituras que alimentam seu repertorio cultural, seu desejo de conhecimento e trabalho; ajudando-o a refletir nas suas necessidades, ideias e experiências, potencializando assim, as suas relações interpessoais, favorecendo a autonomia, a independência e a inclusão social.

O livro em braille é indiscutivelmente um objeto de comunicação, pois através da leitura estabelece um vinculo pessoal não só entre o escritor e o leitor, senão que também o estabelece com a sociedade. A leitura em sistema braille é uma declaração de resistência, por meio dela seus leitores se convertem em protagonistas, estabelecem de maneira simbólica um dialogo, onde nasce o desejo do leitor de responder aquilo que foi lido. Depois de um tempo percebemos que indomavelmente o leitor experimenta a necessidade de escrever, assim que, o livro também cria seus próprios produtores.

REFERÊNCIAS

ABREU; SANTOS; FELIPPE; OLIVEIRA. **Braille!? O que é isso?**. São Paulo: Fundação Dorina Nowill, 2008.

ALBERTI, M; ROMERO, L. **Alumnado con discapacidad visual.** Barcelona: Editorial Graó, 2010.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios de técnica de editoração.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

ARNHEIM, Rudolf. **El Pensamiento Visual.** Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1973.

BORGES, Jorge Luis. La Ceguera. In: MUSEO DEL PALACIO DE BELLAS ARTES. **Diálogo en la oscuridad.** México D.F: Fondo de Cultura Económica, 2004.

BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BUENO, M; DE LA FUENTE; DIAZ; BUENO, S. **Niños y niñas con baja visión: Recomendaciones para la familia y la escuela.** Málaga: Ediciones Aljibe, 1999.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro, do leitor ao navegador: Conversas com Jean Lebrun.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Do códex à tela: as trajetórias do escrito**. In: A ordem dos livros. Brasília: Ed. UnB, 1994, p.95 a111.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.
FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. **Relatório Anual 2010**. São Paulo, s/d. Disponível em:< http://www.fundacaodorina.org.br/quem-somos/resultados/> Acesso em: 7 jun. 2012.

HAZA, M. **Lectura e escritura significativas para grupos com discapacidad auditiva y visual.** México D.F: Universidad Autónoma de México, 2001.

HULL, Jonh M. Diario. In: In: MUSEO DEL PALACIO DE BELLAS ARTES. **Diálogo en la oscuridad.** México D.F: Fondo de Cultura Económica, 2004.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil.** Brasília, 29 mar. 2012. Disponível em < http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=2834>. Acesso em: 11 abr. 2012.

MACKENZIE, Sir Clutha. **La escritura braille en el mundo.** UNESCO, 1954. Disponível em: < http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001352/135252so.pdf > Acesso: 09/07/2013.

MARÍAS, Julian. **El libro en el pensamiento y la continuidad histórica.** In: CARRETER, F; AREILZA, J. [et al.]. La cultura del libro. 2 ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, 1988.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais.** Investigações em psicologia social. Petrópolis, Vozes, 2003.

NOWILL, Dorina G. **... E eu venci assim mesmo.** São Paulo: Totalidade, 1996.
ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência,** ONU – Art. 1. Resolução A/61/106. Disponível em: <http://direitoshumanos.gddc.pt/3_7/IIIPAG3_7_1.htm>. Acesso 29 jun. 2013.

PINKAS, Klaus. Veo algo que tu no ves: reflexiones de um acompañante ciego. In: MUSEO DEL PALACIO DE BELLAS ARTES. **Diálogo en la oscuridad.** México D.F: Fondo de Cultura Económica, 2004.

QUEIROZ, Luiz S. **Dorina Nowill: Um relato de luta pela incluso social dos cegos.** São Paulo: Fundação Dorina Nowill, 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão.** In: Programa SENAI de Ações Inclusivas. 2007. Disponível em: <http://acessibilidadecultural.wordpress.com/2011/09/07/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao/> Acesso em: 29 jul. 2012

UMC – **Unión Mundial de Ciegos.** Disponível em: <http://www.worldblindunion.org/es/Pages/default.aspx> Acesso em: 13 jun. 2012.

VENTURINI, Jurema Lucy; ROSSI, Teresinha Fleury de Oliveira (red.). **Louis Braille: sua vida e seu sistema.** São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1975.

VIDALES, Alfredo F. La ceguera, fuente de imágenes. In: MUSEO DEL PALACIO DE BELLAS ARTES. **Diálogo en la oscuridad**. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 2004.